

Encontros de naturezas e culturas infantis

Nas zonas rurais, **terra e plantas viram parte da brincadeira**, em um faz de conta que compõe um rico patrimônio cultural, mas que sofre influência da mídia e das cidades

POR **ADRIANA FRIEDMANN**, educadora, doutora em Antropologia, coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Lúdica em Contextos Escolares, Não Formais e Corporativos e cofundadora da Aliança pela Infância

No campo, as crianças estão em contato permanente, quase orgânico, com a terra, a natureza, os bichos. Crescem mais soltas, pés no chão, conectadas com o clima e os processos naturais de desenvolvimento dos seres vivos e das plantas. Muitas vezes, são mão de obra fundamental para o sustento de suas famílias. Quando vão à escola, enfrentam, na grande maioria, longos percursos e integram grupos com uma lógica diferenciada daquela



das grandes cidades: alunos de diferentes idades compõem os agrupamentos. Assistir à aula depende do transporte, do clima, da necessidade de ajudar no cuidado dos irmãos mais novos, ou, às vezes, da demanda das mesmas na ajuda para o sustento.

São crianças que, geralmente, têm muitos irmãos que ajudam a cuidar. Nem sempre há figuras masculinas presentes, pois os homens costumam ir trabalhar nas grandes cidades ou viajar com frequência. Meninos e meninas que moram em fazendas,



SAIBA MAIS

Livros

Adriana Friedmann
O Brincar no Cotidiano da Criança. São Paulo: Moderna, 2006.

O Desenvolvimento da Criança Através do Brincar. São Paulo: Moderna, 2006.

O Universo Simbólico da Criança - Olhares sensíveis para a infância. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

A Arte de Brincar. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

Sites

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento - www.nepsid.com

ADAPTAÇÃO DO ENTORNO

Jogando com colegas de idades variadas, crianças têm contato quase orgânico com a terra

sejam filhos dos empregados ou filhos dos proprietários, misturam-se na convivência e nas brincadeiras. Todas essas características espelham-se nos seus brincares, assim como o que as crianças almejam.

Nas áreas rurais, as brincadeiras têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se nos elementos do entorno. Os brinquedos são geralmente tirados e construídos com o que há à volta: água, terra, plantas, ár-

vores, bichos. Crianças de várias idades se unem, umas ensinando às outras. Muitas vezes, misturam e criam seu brincar com o trabalho, enquanto ajudam os pais nas tarefas domésticas ou na terra. O faz de conta e a adaptação da natureza estão no vocabulário, na imitação, no desenvolvimento de habilidades diversas. São atos que envolvem destreza e movimento e aguçam os sentidos: cheiros, texturas, sons, sabores e observação são auxiliares permanentes.

Mistura multicultural

Mas não apenas as paisagens e realidades naturais da região rural impregnam os desejos desses jovens. Há também um mundo que chega através da televisão, um universo muito longínquo, que passa pelos anseios de consumo que as propagandas transmitem. Assim, as crianças começam a integrar universos multiculturais, que aparecem nas suas brincadeiras.

Essas comunidades já têm um repertório próprio de brincadeiras tradicionais, passadas pelos pais e avós, que misturam tradição, condição natural do entorno e culturas lúdicas diversas, provenientes das experiências infantis dos pais que, muitas vezes, nasceram ou veem de famílias de diferentes regiões do País. As crianças crescem, pois, com um repertório lúdico riquíssimo, geralmente não valorizado na própria comunidade. E, paralelamente, conforme têm acesso aos meios de comunicação, ao mercado de brinquedos e ao contato com a cidade, se apropriam de um repertório lúdico urbano e até universal.

As brincadeiras e os brinquedos são portadores de valores que, geralmente, dizem respeito à cultura onde as crianças nasceram ou foram criadas. Assim, tomemos o exemplo das bonecas: embora sejam supor-

te para as brincadeiras de faz de conta, independentemente dos materiais ou formatos de que foram construídas, “falam” dos costumes, valores e culturas pelas roupas, acessórios, cores de cabelo etc. As bonecas feitas de palha de milho, as “bruxinhas”, as bonecas de pano, as negras, as bebês, as modelos, as com feições de diversas culturas: todas refletem universos nem sempre familiares para aqueles que brincam.

Assim acontece com grande parte dos brinquedos industrializados e mesmo com os artesanais. Todos têm impregnados em si características multiculturais. O repertório de faz de conta de cada criança ou de cada grupo infantil, ao mesmo tempo que acontece conforme o que a natureza e o entorno oferecem, impregna-se da realidade doméstica (na qual pais, mães, avós e aparentados são oriundos, geralmente, de diferentes realidades socioculturais), da cultura do grupo de convivência, da cultura que chega pela mídia, da cultura universal.

É uma mistura riquíssima no repertório lúdico, embora esses grupos infantis não tenham consciência do valor de seus patrimônios culturais e estejam, muitas vezes, desejando aquilo que recebem por meio da mídia: o que vem de fora.



JARBAS DE OLIVEIRA/FOLHAPRESS

BILA
Em Salitre, no Ceará, bolinhas de gude são “tesouros”

ATIVIDADES

Pés na terra

Reciclando brinquedos da Antiguidade ou jogos tradicionais, crianças valorizam cultura e natureza locais

1

Região Norte – Belém (PA)

Cruzada de Belém (Elástico)

Um elástico de aproximadamente 2 metros, com as pontas unidas, serve de base para a brincadeira da qual participam, no mínimo, três crianças. Duas o prendem nas pernas, enquanto as demais, uma por vez, pulam, seguindo a sequência:

1. Com o elástico na altura dos calcanhares dos colegas, o primeiro participante pula, sempre caindo com os pés ao mesmo tempo e cumprindo a seguinte série de saltos: para dentro do elástico, em cima dele e afastando um quarto de volta, cruzando-o na altura dos calcanhares e saltando para fora.
2. Cavalgada: o jogador segue a mesma série acima, só que deve pisar primeiro com um pé, depois com o outro sobre o elástico.
3. A sequência é feita num pé só.
4. Ceguinho: a mesma série é feita, mas de olhos fechados.

Depois disso, as crianças sobem o elástico para a altura dos joelhos e recomeçam. Ao fim da sequência, o elástico fica na cintura e, por fim, nas axilas. Vencerá quem chegar a um grau maior de dificuldade. Os que errarem trocam de lugar com quem está segurando o elástico.

2

Região Nordeste – Salitre (CE)

Bila (Bolinha de Gude)

Para saber quem começa, os participantes (*ao menos dois*) fazem uma risca no chão, distanciam-se dela uns 3 metros e jogam a bila (bolinha de gude). Quem se aproximar mais da linha é o primeiro a jogar. Cada criança coloca a bila no chão e reserva outras na mão. O objetivo é acertar a bolinha do adversário. Antes de jogar, todos têm de dizer “palmo” ou “pio”. Quem falar “pio” tem de fazer sua bolinha tocar a do outro. Se conseguir, ganha a bolinha. Caso contrário, dá sua bila ao adversário. Quem falar “palmo” tem de deixar a bila perto da bolinha que é seu alvo. Se ela bater, perde a jogada e a bola. Além da motivação de cada um possuir

um “tesouro” – as bolinhas –, o jogo trabalha a coordenação motora e estabelece o contato permanente das crianças com a terra de forma quase orgânica.

3

Região Sul – Caxias do Sul (RS)

Bilboquê

Para construí-lo, são necessários uma garrafa PET, fita adesiva, barbante, papel e tesoura. Comece cortando a garrafa ao meio e colando a fita na borda da parte com o gargalo. Então, faça uma bolinha de papel e envolva-a com fita. Finalmente, prenda uma das pontas do barbante na bolinha e outra dentro da garrafa. Sem soltar o bilboquê, dê impulso para cima: o desafio é fazer a bolinha cair dentro do brinquedo. Aqui, as crianças reproduzem com materiais recicláveis um brinquedo que vem da Antiguidade e trabalham a coordenação motora, a atenção e até a estética.

4

Região Sudeste – Curvelo (MG)

Pescaria do cego

Para brincar, pendure em um barbante bombons ou frutas na altura da boca dos que vão participar. As crianças escolhem colegas e os conduzem até o barbante, para que possam vê-lo, e vendam seus olhos. Estes têm de cruzar os braços nas costas e tentar apanhar as prendas com a boca. A brincadeira põe os sentidos do olfato e do paladar em ação.

5

Região Centro-Oeste – Pirenópolis (GO)

Fonte da Vinhaça

Lado a lado ou em roda, o grupo canta os versos abaixo. Na sua vez, a criança escolhe uma profissão ou ofício (lavadeira, garimpeiro etc.). Na hora do “faz assim”, todos imitam os gestos do profissional.

*“Lá na fonte da Vinhaça,
Todo mundo passa
Lá na fonte da Vinhaça,
Todo mundo passa*

*A (nome do ofício) faz assim
A (nome do ofício) faz assim
Assim, assim
Assim, assim.”*

ANO DO CICLO:

Infantil

ÁREA: Jogos e brincadeiras

POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR:

Linguagem, Artes

DURAÇÃO: Atividade permanente, realizada regularmente

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:

Participar de brincadeiras cantadas, elástico, bolinha de gude etc; aperfeiçoar a maneira de interagir com parceiros nas brincadeiras